

Redação em Gotas

Edição nº 30

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: A interpretação do texto: brevidade e silêncio. As joias de Cornélia e a Anunciação.

Como a vida é breve, breves e simples serão os textos: muito se lê na concisão e o silêncio apresenta-se como verdadeira anunciação. *Quem somos?* Permanente enigma e perene pergunta, profundo mistério infinito semelhante aos intrincados vitrais das rosáceas medievais, construídas no vazio e no silêncio.

O Direito compreende-se no silêncio: no vazio suspenso entre as palavras e o estrépito do foro. Nos segredos e nos murmúrios – há o feixe de luz dourada: o terreno do não-dito, o vazio das horas e do tempo e o silêncio entre os depoimentos e as declarações. Toda história do Direito inicia-se no corpo e finda-se no outro, parecendo significativamente responder à pergunta: *quem somos?*

Alguns dirão, *em abstração*, somos medo e sombras, metade solidão e metade fome, somos todo um coração e toda uma esperança, um grito inteiro e fragmentos esfacelados de ilusão. Outros dirão, *em alusão à beleza da infância e da juventude*, somos dentes de leão: bolas de sopro e relógios do meio-dia – soprados com um só fôlego e todos os desejos serão realizados.¹

Alguns, *no coração* da terra, dirão: somos pássaros – muitos serão estrangeiros pela saudade inexplicável de uma Europa inexistente: cotovias e rouxinóis; águias e abutres; mas aqueles que têm a brasilidade presente na carne serão *sabiás e uirapurus, tico-ticos e gaviões* e terão a cor do poente do *sofreu*. Alhures, *no coração das letras*, seremos grão de areia e poeira ao vento – terra vermelha fincada nos pés; ou seremos nuvens e chuvas ou aquelas folhas caídas na calçada e varridas para que o asfalto brilhe.

Na *linguagem amorosa*, podemos ser a branda meada de seda, como no romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brönte². E, na *linguagem política*, a renda da vida inteira, do poema de Pedro Tierra:³

Na dança dura do dia/entre os dedos da rendeira/os bilros trançam nos fios/ a renda da vida inteira.

Em lugar nenhum, *na pureza da eternidade*, somos árvores, frutos pendentes, riso emotivo, raízes profundas, sólida firmeza e singela solidão: buritizeiros, jequitibás, ipês floridos, manacás da serra – figueiras à espera da traição e laranjeiras em flor. Roxas flores de maracujá⁴ e ácidos limoeiros verdejantes.

Em tempo e em lugar esquecido, *retirados do seio brutal da terra*, alguns foram joias: como os irmãos Graco, mostrados por sua mãe, Cornélia Africana, à conhecida que perguntara: “*onde estão suas joias?*”. No cotidiano e no silêncio, nos sacrifícios do amor, brilham joias como estrelas: mergulhadas no silêncio infinito daquelas belezas que não se mostram: o abraço afetuoso, o encontro de almas, as sopas divididas, o pão compartilhado e os pequenos gestos gentis e suaves. Clarice Lispector, em “Anunciação”,⁵ disse-nos:

“ (...) É a mais bela e cruciante verdade do mundo.

Cada ser humano recebe a anunciação: e, grávido de alma, leva a mão à garganta em susto e angústia. Como se houvesse para cada um, em algum momento da vida, a anunciação de que há uma missão a cumprir.

A missão não é leve: cada homem é responsável pelo mundo inteiro. ”

Somos pessoas – desvestidos de nossas máscaras – temos fome e sede e o nosso rosto revela-se no **Outro**. Somos a luz que atravessa as rosáceas medievais, caminhando no labirinto da vida, à espera, sempre à espera, eternamente à espera.

¹ PICKLES, Sheila. *A Linguagem das Flores*. São Paulo: Melhoramentos. 1992, p.35. 111p.

² BRONTË, Charlotte; WARD, A. C. (Alfred Charles). *Jane Eyre*. Burnt Mill, Eng: Longman, c1959 601 p (The heritage of literature series).

³ TIERRA, Pedro. *O Porto Submerso*. Brasília: Edição do Autor, 2005.

⁴ Na lembrança do poema de Catulo da Paixão Cearense.

⁵ LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco. 1999, p.159. 478p.